

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL**

**ROGÉRIA MARQUES DE SOUZA COSTA**

**“TESTEMUNHOS DE LÍNGUA (GEM) PARA SUJEITOS TERENA DAS ALDEIAS  
DE NIOAQUE**

**JARDIM - MS**

**2017**

**ROGÉRIA MARQUES DE SOUZA COSTA**

**“TESTEMUNHOS DE LÍNGUA (GEM) PARA SUJEITOS TERENA DAS ALDEIAS  
DE NIOAQUE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Letras - Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>ª</sup> Adélia Maria Evangelista  
Azevedo**

**JARDIM - MS**

**2017**

**ROGÉRIA MARQUES DE SOUZA COSTA**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Testemunhos de língua (gem) para sujeitos Terena da Aldeia de Nioaque**

**APROVADO EM: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> ADÉLIA MARIA EVANGELISTA AZEVEDO**

**UEMS– Jardim**

MARQUES, Rogéria de Souza Costa.

TESTEMUNHOS DE LÍNGUA (GEM) PARA SUJEITOS TERENA DA ALDEIA DE NIOAQUE

Jardim-MS: UEMS, 2017. \_\_\_\_ p.; cm.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português-Inglês –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

**Palavras Chave:** Língua Terena 2. Ensino de gramática 3. Nível Fundamental 4. Escola Pública

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Jardim-MS, de novembro de 2017.

Rogéria de Souza Costa Marques

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a minha família e à comunidade Terena de Nioaque para que esta pesquisa venha dar testemunho de que se faz necessário uma revitalização linguística da língua terena.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me conceder a oportunidade de fazer o Curso de Letras, Habilitação Português/Inglês, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade Universitária de Jardim.

Aos meus pais, Plácido de Souza Bueno e Leonilda Marques da Silva, por todo auxílio recebido no decorrer da minha vida e da minha escolarização.

A meu esposo, Gilberto Balbino da Costa e as filhas, Ester de Souza Costa e Poleana de Souza Costa, por suportarem a minha ausência, quando eu deveria estar desfrutando da presença de meus familiares nos momentos em que eu estava envolvida na formação acadêmica.

A minha Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adélia Maria Evangelista Azevedo, pela paciência e dedicação.

Aos amigos (*as*), familiares, professores, ex-professores, alunos e ex-alunos indígenas e não-indígenas, que de forma direta, ou indireta, contribuíram para a minha formação.

## RESUMO

O presente trabalho nos traz, reflexões sobre os testemunhos de língua (gem) de sujeitos Terena das Aldeias de Nioaque – MS, buscando assim responder a seguinte pergunta: Quais são os testemunhos de uso e não uso da língua Terena para a comunidade indígena das aldeias de Nioaque? Na *Fundamentação Teórica*, apresentamos as trilhas nas Linguística da Enunciação, na Filosofia e demais questões a respeito aos povos Terena, de modo singular, a comunidade indígena, localizada no município de Nioaque – MS. Diante das análises enunciativas dos testemunhos sobre a língua em uma aldeia de Nioaque, foram levantados alguns motivos com relação ao desuso da Língua Terena. Também foram apontadas algumas formas de como revitalizar a língua terena, aliadas as estratégias já existentes, tais como à escolarização, a valorização/incentivo de usos em família da língua terena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Terena; categoria de pessoa, testemunhos.

## **ABSTRACT**

The present work brings us reflections on the language testimonies (gem) of subjects Terena from the Villages of Nioaque - MS, seeking to answer the following Email: What are the tasters of use and non - use of the Terena language for an indigenous village community of Nioak? In the Theoretical Foundation, we present as trails in the Linguistics of Enunciation, in Philosophy and other questions related to Terena people, singularly, an indigenous community, located in the municipality of Nioaque - MS. In the face of the enunciative analyzes of the testimonies about a language in the villages of Nioaque, their actions were raised regarding the disuse of the Terena language. Some ways of revitalizing the Terena language were also pointed out, together with the existing strategies, such as schooling, the valorization / encouragement of uses in the Terena language family.

**KEY WORDS:** : Terena language; category of person, testimonies.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>14</b>
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	14
1.1 – Percursos teóricos .....	14
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>16</b>
2.1 – Reflexões sobre cultura: .....	16
2.2 - Língua Terena .....	16
2.3 - A(s) Aldeia(s) de Nioaque .....	17
2.3.1 - Realidade da Aldeia Brejão.....	17
2.3.2 - A Escola da Aldeia Brejão .....	19
<b>CAPÍTULO III ANÁLISE ENUNCIATIVA DOS TESTEMUNHOS SOBRE OS USOS DAS LÍNGUAS NA ALDEIA BREJÃO NIOAQUE - MS.....</b>	<b>20</b>
3.1 – Reflexões Sobre a Coleta dos Testemunhos e Discussão dos Enunciados Recortados dos Testemunhos.....	20
3.2 – Análises dos Testemunhos .....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A motivação em refletir sobre os testemunhos de língua(gem) de sujeito Terena na Aldeia de Nioaque – MS nasceu, primeiramente, do meu interesse pessoal, porque sou acadêmica indígena do Curso de Letras, Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS – Unidade de Jardim.

Além disso, busco responder a seguinte pergunta: Quais são os testemunhos de uso e não uso da língua Terena para a comunidade indígena das aldeias de Nioaque? Esta pergunta que nos inquietou ao final do 3º ano do curso de Letras, faz referências pessoais com o meu percurso de escolarização e de experiência intercultural.

O fato é que sou índia da etnia Terena, nascida na Aldeia Água Branca, no município de Nioaque, localizado a 170 km da capital Campo Grande-MS. Início com o meu testemunho de escolarização que tem relações bilíngues. O meu percurso de uso da língua portuguesa na escola e fora dela é importante, porque faz parte da pesquisa e do recorte que farei.

Assim, eu conto iniciei meus estudos na primeira série do ensino fundamental no ano de 1987, aos 07 anos de idade, na Escola Municipal 31 de Março, situada na Aldeia Água Branca, município de Nioaque. Neste tempo não era ainda Escola Indígena, não tive dificuldade no aprendizado da língua portuguesa, pelo fato de que na época a mesma era a predominante dentro da Comunidade Indígena e esta dominava a língua português. Com relação à língua terena, devo dizer que os meus avós, materno e paterno, tinham um pouco de domínio. Eles falavam-nos da importância de preservá-la enquanto cultura, mas não se interessavam em nos ensinar a falar.

Segundo os meus avós, o fato de falar bem a língua portuguesa, seria até mesmo uma estratégia de sobrevivência na sociedade não indígena, sendo que muitos deles trabalhavam em lavouras e serviços braçais nas fazendas, e se fossem pegos se comunicando na língua terena eram castigados e até perdiam o emprego.

Minha bisavó paterna, terena, Eulália Vitorino, morava conosco, na casa, era a única que falava fluentemente a língua do nosso povo, mas só falava com outros da idade dela nunca procurou nos ensinar, e eu não me interessei em aprender, por ser ainda criança, não compreendia a dimensão e nem a importância de saber falar a nossa língua materna. A minha bisavó faleceu quando eu tinha 09 anos de idade, essa é a única lembrança que tenho a respeito da língua terena na minha infância.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, até a quarta-série, não tive contato com a língua terena. Meus professores eram todos indígenas, mas nenhum deles falava a língua

terena. No segundo ciclo do ensino fundamental, da quinta série até a oitava série, tive somente dois professores que eram indígenas, os demais eram não-índios, ou *purutuya*.

O não uso da língua terena na escola ocorria, visto que naquela época, ainda não havia um currículo diferenciado para questões lingüísticas e culturais dos povos indígenas. As aulas eram em língua portuguesa fala e escrita, não havia nem mesmo o incentivo às questões da língua materna e o respeito às diversidades culturais. Essas foram algumas das causas que me afastaram do uso da língua terena.

Quando encerrei o ensino fundamental, fiquei afastada da sala de aula, pois não tinha o ensino médio na aldeia, e isso dificultou, ainda mais, a continuidade dos meus estudos no ensino médio. Quando retornei a sala de aula no ensino médio, em 2010, já havia sido implantado na grade curricular, o ensino de língua Terena, de modo particular para a etnia Terena. Foi a partir desse contexto escolar que comecei a ter contato com a língua. A professora ministrava a aula, em língua terena, falava muito bem a língua. Fiquei muito encantada ao vê-la falar, queria muito saber falar a nossa língua, mas infelizmente não consegui aprender muita coisa, por ser já adulta, e por haver outras línguas, entre elas, o inglês. Algumas questões lingüísticas e de uso da língua dificultaram o meu aprendizado.

Venci a etapa do ensino médio, na Aldeia, e consegui uma classificação para cursar o ensino superior, Letras – UEMS – Unidade de Jardim. O ingresso na UEMS, no Curso de Letras – Unidade de Jardim foi um fato marcante para minha vida pessoal, porque mesmo tendo como língua materna a língua portuguesa e o não domínio da língua terena oral, trago na minha fala e na minha escrita da língua portuguesa traços da língua da minha etnia: “[...] É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua[...].” (BENVENISTE, 1995, p.288).

Outro fato marcante era que a minha timidez dificultava os momentos de interação com os colegas e com os professores do curso de Letras. As dificuldades foram sendo superadas, aos poucos, ao longo das aprovações nas diferentes disciplinas e na realização das atividades de Estágio e no período que antecede ao que fui professora convocada.

Ressalto, ainda, em meu testemunho, a minha atuação inicial como professora convocada de Língua Inglesa, na Escola Municipal Indígena 31 de março, localizada na Aldeia Brejão durante três anos consecutivos, em 2012, 2013 e 2014. Esta experiência foi importante para refletir a respeito da revitalização da língua terena. As aulas de língua inglesa são oferecidas do 6º ao 9º ano, na Aldeia, e eu fui contratada no segundo semestre de 2012 no período vespertino, lecionei nas salas do 6º ao 9º ano, e isso oportunizou para que desse início

a reflexão sobre os testemunhos de uso e o não-uso da língua, na comunidade terena de Nioaque.

No Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, no fundamental, no ano de 2014, e no médio no ano de 2015, de modo especial, durante as observações co-participativas e no período de regência que totalizaram 400 horas de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e 300 horas de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa na Escola Municipal Indígena 31 de março, vivenciei o uso da língua portuguesa e o não uso da língua terena. Constatei durante diálogos e ações pedagógicas do Estágio que os alunos indígenas tanto do fundamental quando do ensino médio, mesmo tendo oportunidade de entrar em contato com a língua terena, pois a escola oferece a língua terena nas séries iniciais da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio com professores índios que dominam a língua. Mesmo assim, os adolescentes e jovens não têm interesse na língua terena e fazem uso da língua portuguesa falada, em brincadeiras na hora do recreio, em diálogos na sala de aula e em diferentes situações, a língua portuguesa é a língua usada em diferentes situações de uso da linguagem.

Diante de alguns pontos, como a forte influência da língua portuguesa, a não adesão da língua terena, delimitamos pontos para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, o objetivo geral que é o de analisar os testemunhos de sujeitos residentes nas Aldeias do município de Nioaque – Mato Grosso do Sul para que se possa compreender sobre o uso e o não-uso da língua terena na sociedade indígena.

Para os objetivos específicos da pesquisa, elegemos os seguintes pontos:

- a) identificar nos testemunhos as estratégias enunciativas de uso da língua portuguesa e não da língua materna como parte de sobrevivência e de ocupação dos espaços do ser índio tanto na escola, quanto na sociedade não-indígena;
- b) analisar nos enunciados as marcas subjetivas de uso da língua materna para os sujeitos relacionados ao resgate cultural e lingüístico do ser índio.

A metodologia utilizada ocorre em diferentes fases : primeira fase, leituras teóricas em Agamben (2008) e Benveniste (1995). Na segunda fase houve a coleta de testemunho dos 2 anciãos e um testemunho do jovem de uma das Aldeias de Nioaque, para termos subsídios e material suficiente para realizarmos nosso TCC embasado na memória viva de antigos que guardam a experiência e história desse povo. Bem como leitura/análise de materiais bibliográficos. Terceira fase: recorte e análise dos testemunhos e cotejamento dos mesmos com a teoria elencada neste trabalho para analisá-los.

A princípio foi feita uma organização dos assuntos para o diálogo com os sujeitos como: divulgação dentro da comunidade, informação ao cacique, levantamento de dados para coletas, levantamento de anciãos de referências.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado um gravador de celular para as gravações e, as entrevistas foram realizadas nas casas dos Anciãos Senhores: P.V de 81 anos e N.M de 65 anos e do jovem J.P-25 anos, durante o ano de 2014. Posso afirmar que a pesquisa proporcionou uma riqueza imensa de conhecimentos que ajudaram a reforçar ainda mais o meu orgulho de pertencer ao povo Terena.

O TCC está organizado em Capítulos, o primeiro, *Fundamentação Teórica*, apresentamos as trilhas nas Linguística da Enunciação, na Filosofia e demais questões a respeito aos povos Terena, de modo singular, a comunidade indígena localizada no município de Nioaque – MS.

O segundo Capítulo, *Análise enunciativa dos testemunhos sobre as línguas na Aldeia Brejão – Nioaque – MS*, apresentamos os percursos enunciativos da categoria de pessoa “eu” no discurso. Para as *Considerações Finais* apontamos que para a revitalização da língua terena na comunidade há que se aliar as estratégias de escolarização já existentes à valorização/incentivo de usos em família da língua terena.

## CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 – Percursos teóricos

Um dos teóricos que deu sustentação para o nosso trabalho nos aspectos enunciativos é Émile Benveniste (1995), Capítulo 20, *A natureza dos pronomes* e, o Capítulo 21, *Da subjetividade na linguagem*, do livro *Problemas de Linguística Geral* – doravante – PLG, volume I.

Cada capítulo da obra PGL I, foi escrito por Benveniste, em períodos e épocas diferentes. Os estudos, ou artigos foram reunidos, com o objetivo de discutir “problemas de língua e de linguagem” – A obra está dividida em partes: I Transformações da Linguística; II A comunicação; III Estruturas e análises; IV Funções sintáticas, V O homem na língua (Capítulo sobre A natureza dos pronomes e Da subjetividade da linguagem e outros) e VI o Léxico e cultura.

O capítulo 20, *A natureza dos pronomes*, de Émile Benveniste foi escrito para *For Roman Jakobson, Mouton & Co, Haia, 1956*, encontra-se na II parte do PLG. Encontramos nele o seguinte questionamento do lingüista: “Qual é, portanto, a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*?”. Encontramos para a relação: Eu/tu os seguintes direcionamentos enunciativos: “É preciso, assim, sublinhar este ponto: *eu* só pode ser identificado pela instância do discurso que o contém somente por ai” (BENVENISTE, 1995, p. 279).

Outra passagem importante: “[...] o *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso contendo a instância lingüística *eu*. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de “alocução”, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como indivíduo alocutado na presente instância do discurso contendo a instância lingüística *tu*”. (id.,ib., p. 279).

Para Benveniste (1995), a terceira pessoa é totalmente distinta da relação “eu/tu” (pessoa), tanto por causa da natureza, quanto por causa do uso. “É uma função de “representação” sintática que se estende assim a termos tomados às diferentes “partes do discurso”, e que corresponde a uma necessidade de economia...”. “A “terceira-pessoa” é uma” não pessoa”, reúne algumas funções: combinar com qualquer referência; não ser jamais reflexiva da instância do discurso; comportar um número grande de variantes; não se compatível com o paradigma dos tempos referenciais: aqui, agora.

No capítulo-21, *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste (1995) ressalta que “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo, como eu no discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que,sendo embora exterior a”mim”,torna-se o meu eco- ao qual digo tu e que me diz tu.A polaridade das

peças é na linguagem a condição fundamental, cujo processo ,de comunicação ,de que partimos, é apenas uma consequência totalmente pragmática.

Na esteira da enunciação, utilizamo-nos do conceito de testemunho, que está no filósofo italiano Giorgio Agamben (2008). A origem do termo está no latim. Segue com dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (\*terstis) em um processo, ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento, e pode, portanto, dar testemunho disso. (AGAMBEN 2008, p.28). Na página 48, Agamben conclui que o testemunho é o encontro entre duas impossibilidades de testemunhar, que a língua para testemunhar ,deve ceder o lugar a uma não-língua, mostrar a impossibilidade de testemunhar. A língua do testemunho é uma língua que não significa mais, mas que nesse seu ato de não – significar, avança no sem-língua até recolher outra insignificância ,a da testemunha integral, de quem, por definição, não pode testemunhar.

## CAPÍTULO II

### 2.1 – Reflexões sobre cultura:

A priori precisamos ter clareza em relação ao que estamos percebendo como cultura. Esta observação, apesar de parecer sem propósito para uns, tem um valor fundamental para outros, pois, nem todos conferem o mesmo significado ao termo. De forma que o senso comum classifica e define como: “instrução do saber”, “aqueles que sobressaem pela inteligência”, ou ainda “pessoas que entendem de vários assuntos como música clássica, teatro, pinturas, esculturas e cinema”, “pessoas viajadas por outros locais e países”. E, deste modo, restringe-se a idéia de cultura apenas à erudição.

Em outra ótica, “o senso comum amplia a idéia de cultura, na medida em que enxerga também como se fosse patrimônio do conhecimento passado de geração em geração. (CABRAL. p.71-2002). Temos aqui duas idéias centrais de cultura erudição e tradição.

### 2.2 - Língua Terena

De acordo com Nascimento (2012) e Oliveira (1975) e demais conversas entre os mais antigos pode-se perceber que nossa Comunidade Terena é costume do senso comum considerar como o único subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil. E por meio de levadas migratórias, que esse povo cruzou o Rio Paraguai rumo ao atual Mato Grosso Sul, originário do Chaco Paraguai/Boliviano. Essa migração dos Guaná para o Brasil abrange muitas situações diferentes, desde casos em que seus territórios foram ocupados por outros povos, até opções por condições melhores de vida. O objetivo desse povo era se preservar de ocasiões de domínio por outros povos. Conforme segue:

Os Guaná ou Chaná grupa a que se filiam os Terena do Sul de Mato Grosso, não podem ser considerados índios tipicamente brasileiros, pois os elementos de sua cultura estão mais ligados às culturas dos índios do território do Chaco de onde provém [...]. Nos tempos pré-colombianos e nos dois séculos que se seguiram à descoberta da América, os Guaná mantiveram-se numa faixa de terra compreendida pelos décimo nono e vigésimo nono graus de latitude sul. Segundo Alfred Métraux, era a seguinte a distribuição das aldeias dos Guaná, em fins do século dezoito: os Laiana, opostos à foz do rio Apa; os Niguecactemec (Niguecagatemigi), ramo dos Laiana, que ocupavam uma aldeia separada, a oeste do Pão de Açúcar a 21 graus e 44 minutos de latitude sul; os Terena, que ocupam as aldeias a oeste dos Laiana, a 29 graus de latitude sul; os Echoaladi, que ocupavam duas aldeias, a oeste dos Terena, e finalmente os Quinquinao (Kinikinau) localizados entre os 19 e 20 graus de latitude sul. (OLIVEIRA -1975. p. 275)

Os terenas pertencem ao tronco linguístico da família Aruak, possuíam várias ramificações dentro do território brasileiro, muitas já sofreram extinção e outras infelizmente

estão passando por esse processo, já que são alvos da visão preconceituosa e estereotipada da grande maioria da população brasileira.

Podemos citar que no momento ainda vivem algumas dessas ramificações distribuídas por vários lugares como os próprios terenas, os kinikinau, os kamba que são considerados povos “não-reconhecidos”, pelo fato de que não possuem no momento uma área demarcada, estão vivendo de favor em áreas terena dentre outras.

falam uma língua da família linguística Aruak, descendem os famosos Txane-Guaná. As línguas da família Aruak se fazem presentes em boa parte da América Latina, como: Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua. Segundo Aikhenvald (1999), na família Aruak ainda existe aproximadamente 40 línguas vivas. No Brasil são 16 línguas: Apurinã, Baníwa do Içana, Baré, Kámpa, Kuripáko, Maxinéri, Mehináku, Palikúr, Paresí, Salumã, Tariána, Terena, Wapixana, Warekéna, Waurá e Yawalapiti. (NASCIMENTO 2012).

Com a incursão dos europeus na margem da América no Século XVI, que vinham interessados riquezas e minerais, seu primeiro contato com os nativos foi com o povo Aruak Taino. Com isso as línguas de primeiro contato com os europeus desapareceram. E atualmente, as línguas da família Aruak estão em risco de extinção.

### **2.3 - A(s) Aldeia(s) de Nioaque**

Atualmente, a Terra Indígena Nioaque está composta por 04 aldeias, cada aldeia tem autonomia própria, possui um “cacique” (antigo Capitão), um “conselho tribal” e um Chefe do posto da FUNAI, sediado na aldeia Brejão, que são os responsáveis por responder pelas relações políticas de cada aldeia. Os assuntos que dizem respeito a todas as aldeias da Terra Indígena, são tratados em reuniões grandes, onde contam com a presença das lideranças de cada aldeia, geralmente realizadas no Posto Indígena.

As quatro aldeias da terra indígena de Nioaque expõem particularidades como ruas bem abalizadas, com infraestrutura urbana, Posto Indígena da FUNAI e campo-santo. Pelo motivo das aldeias estarem situadas muito perto da cidade e com a influência de não-índios nas aldeias, os indígenas de Nioaque perderam algumas características da cultura Terena, entre elas parte do domínio lingüístico da língua terena.

#### **2.3.1 - Realidade da Aldeia Brejão**

Através de pesquisas conseguimos o histórico da fundação e nascimento das Aldeias, conforme segue:

Brejão ou a Aldeia Capitão Viturino, como é conhecida, ocupa uma área de 3.904 hectares, devidamente demarcadas e com o título de 2.800 hectares. A Reserva Indígena fica situada no município de Nioaque, tendo ao Norte o rio Urumbeva e a leste a Serra de Maracaju. Um documento do SPI Serviço de Proteção aos Índios, de 1919, relata que os Terenas do Grupodo capitão Viturino (tio do atual “Capitão”) ocupava uma área de duas léguas de Nioaque e apresentavam uma população de cerca de 200 indivíduos, dispersos em 11 ranchos; o mesmo documento estima em 1.000 pessoas o número daquelas que, até aquela época, se teriam espalhados pelas fazendas do alto da Serra de Maracaju. Informa-nos o “Capitão” Viturino que a atual Aldeia Brejão foi fundada em 1904, quando ele e sua família, a procura de um área com mata, se retiraram da antiga Aldeia Laranjal, próxima da atual e dentro também da reserva. Diz o “Capitão”- e os documentos o comprovam, que aquela evasão de 1.000 índios para as fazendas do alto da serra foi devido à pressão dos fazendeiros vizinhos que por todos os modos queriam tomar conta das terras dos Terenas. Depois de reservada a área, por Decreto do Cel. Nicolau Horta Barbosa, na época Inspetor de Mato Grosso. Dados extraídos do Relatório Anual daquele Inspetor, correspondente ao ano seguinte à criação do Posto, acusam 178 Índios, dentre os quais 16 teriam sido aldeados naquele ano. Começava o afluxo daqueles índios para o Brejão (uma pequena parte) e para as aldeias de Buriti e Francisco Horta, como veremos adiante. Assim, o censo de 1954 iria das 202 habitantes, um número bem baixo, considerando-se a grande extensão da reserva. Como as demais aldeias Terena, Brejão está dividida em “bairros”: o núcleo central, denominado Posto Indígena Capitão Viturino, só é central porque conta com o edifício do Posto, com a igreja católica e com seis casas de índios, no segundo núcleo chamado de “Aldeia da Água Branca” tem-se o grosso da população da reserva, podendo-se contar 14 catorze rancho às margens do Urumbeva e bastante próximo da antiga Aldeia Laranjal. Água Branca, é realmente a concentração populacional mais antiga, ultrapassando de muito o outro núcleo, que apenas administrativamente é mais importante por possuir o Posto Indígena. A escola oficial da aldeia, funciona não edifício do Posto, tem como professora a filha do “Capitão” e somente a frequentam as crianças das casas mais próximas. Por isto toda a população infantil e juvenil da Água Branca que, naturalmente, conta com a maioria das crianças da comunidade, está excluída da escola oficial e só é assistida por uma pequena escola particular, dirigida por um “crente” Terena. OLIVEIRA (p.83-84. 1975).

É claro que notório que quando foi criada a Aldeia Brejão e o núcleo Água Branca, a Língua Terena, já tinha perdido sua força, pois na mesma página o autor ainda relata sobre a composição étnica da comunidade:

Quanto à composição étnica da comunidade, pode se dizer que há duas famílias mestiças terena-brasileira), um descendente Guaikurú casado com uma remanescente kinikináu, uma negra, casada com um Terena e um paraguaio com uma índia Terena. OLIVEIRA (p.84. 1975).

Isto remete-nos a entender que houve uma miscigenação na etnia aliada à mistura de cultura somando-se à nova cultura do lugar, onde para que os mesmos pudessem se comunicar, seria mais viável empregar a língua portuguesa, que na localidade era a difundida.

Segundo Silva (2003, p.29), embora vivendo “misturados” ou se encontrando, os indígenas falavam seu idioma, quando se separaram, foram direcionados para as terras demarcadas, nem todos aqueles que pertenciam a uma mesma etnia foram com os seus companheiros.

Outro fato que contribuiu com tudo isso foi que na época a FUNAI, com a intenção de ajudar os outros povos indígenas após a demarcação de terras enviou junto dos demais povos um pouco de Terenas, com o intuito de que eles poderiam ensiná-los no domínio das práticas de agricultura já que os Terenas sempre foram considerados bons agricultores. Porém, essa idéia não deu certo, pois, como não pertenciam às etnias em que foram inseridas os Terenas se retiraram de alguma forma de onde estavam, pois, para eles a vida só seria completa junto de seu verdadeiro povo.

### **2.3.2 - A Escola da Aldeia Brejão**

De acordo com o Projeto Pedagógico (2013, p.4), a Escola Municipal Indígena 31 de Março – Pólo, localizada na Aldeia Brejão, distante 14 quilômetros da cidade Nioaque-MS e, 170 quilômetros da Capital do Estado de Mato Grosso do Sul, onde estão inseridas as aldeias Água Branca, Brejão, Cabeceira e Taboquinha, criada pela Lei nº. 099/95 de 25 de julho de 1995 é de direito público, mantida pela Prefeitura Municipal de Nioaque CNPJ 03.073.699/0001 – 08, localizada na Avenida General Klinger, 405 – Centro e administrada pela Secretaria Municipal de Educação, nos termos da Legislação em vigor e regida pelo regimento escolar e proposta pedagógica que norteia o trabalho educativo e define os princípios político – pedagógico desta Unidade Escolar, funciona no período diurno atendendo Aproximadamente 350 alunos matriculados na Educação Infantil ao 9º Ano. Possui organização própria e oferece um currículo diferenciado, garantido no mesmo, o ensino da língua materna conforme as legislações específicas que regem a educação escolar indígena, com vistas a atender os objetivos do ensino e os anseios da comunidade indígena local.

## CAPÍTULO III - ANÁLISE ENUNCIATIVA DOS TESTEMUNHOS SOBRE OS USOS DAS LÍNGUAS NA ALDEIA BREJÃO NIOAQUE - MS

### 3.1 – Reflexões Sobre a Coleta dos Testemunhos e Discussão dos Enunciados Recortados dos Testemunhos

A coleta foi realizada a partir de entrevistas com dois anciãos da comunidade e um adulto jovem, todos do sexo masculino. Os dois anciãos são meus tios e o jovem meu primo em 3º grau. Por ser conhecida e manter um vínculo afetivo e parental com os entrevistados, isso proporcionou uma riqueza imensa de detalhes, conversas longas e prazerosas, para registrar utilizei o gravador e a câmera do celular.

Para a organização e análise, elegemos os seguintes procedimentos. O primeiro é de apresentarmos os testemunhos de dois sujeitos, totalizando 02 testemunhos. Um de um representante idoso e outro de um jovem.

A escolha foi motivada pelo conceito de “testemunho” que está em Agamben (2008, p. 28) como aquele que vive o evento, em primeira pessoa do singular e sobrevive ao fato. Há duas compreensões para o termo que vem do latim. No primeiro a palavra significa *testis*, ela significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (\*terstis) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo sentido é *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento, e pode, portanto, dar testemunho disso.

Outro posicionamento sobre o termo testemunha está em Azevedo (2014, p.70) que também investiga sobre o sujeito que dá testemunho do processo de aquisição e uso da língua portuguesa e de construção do conceito de língua materna em sociedade, como uma estratégia de sobrevivência e de ocupação do lugar em redações do vestibular para alunos indígenas, produzidos em 2012, para a Comissão Permanente de Vestibular – COPERSE da Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS.

Para o nosso TCC, optamos pela coleta do testemunho (T1 -81). A sigla T1-81 significa (T- testemunho do sujeito índio Terena, logo em seguida a informação sobre a idade, no caso, 81 anos). Para as análises dos Testemunhos – recortamos em Enunciados, doravante E, para que possamos localizar o posicionamento do eu no discurso quando do Testemunho. Iremos considerar a questão da testemunha no viés daquele que fala em primeira pessoa do singular. O sujeito fala sobre o fato porque viveu, atravessou a experiência no processo de aprendizagem da língua portuguesa e da língua terena. Além disso, dá testemunho das vivências da 3ª p.s, ora o demais índio terena, ora ela, a mãe.

### 3.2 – Análises dos Testemunhos

Para a análise seguimos as discussões linguísticas na esteira de Émile Benveniste (1995) e demais pesquisadores a respeito da categoria de pessoa. Para este direcionamento recortamos a seguinte passagem do linguista retirada do Capítulo *A natureza dos pronomes*, publicado em 1956:

Eu significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu”. Instância única por definição, e válida somente na sua unidade. Se percebo duas instâncias sucessivas de discurso contendo eu, seria imputável a um outro. É preciso, assim, sublinhar este ponto: eu só pode ser identificado pela instância de discurso que o contém e somente por aí. (BENVENISTE, 1995, p. 278-279)

No fragmento acima, destacamos que o *eu* instaura-se no discurso e é somente no discurso que ele se constitui “[...] Instância única por definição, e válida somente na sua unidade”. A segunda pessoa do singular – tu – é a segunda instância, elas são como Benveniste define “duas instâncias sucessivas de discurso contendo *eu*”. Seguimos com as discussões da 1ª p.s. “eu” nos testemunhos produzidos.

Desse modo, o testemunho T1-81 revela as estratégias linguística, culturais e sociais de uso da língua portuguesa nas Aldeias de Nioaque. Assim na classe formal dos pronomes, os chamamos de “terceira pessoa” são inteiramente diferentes de eu e tu, pela sua função e pela sua natureza. (BENVENISTE, 1995, p.282)

Leiamos a versão transposta da oralidade para a escrita. Esclarecemos que houve dois momentos, no primeiro gravamos e num segundo momento realizamos a transposição da oralidade para a escrita. Reconhecemos que não é algo fácil, considerando que são sistemas distintos, mas tentamos por acreditarmos na necessidade de uma materialidade escrita. Leiamos:

T1. 1 E - 81 anos  
Fui um dos primeiros professores da aldeia, no começo, iniciei mais ou menos com 18 alunos, eles falavam bem português não tive muita dificuldade em ensiná-los.

O eu identificado no discurso é um índio que começou seu trabalho de professor ainda muito jovem, dá testemunho em primeira pessoa do uso da língua portuguesa para ensinar seus alunos. O interessante do testemunho T1. 1E – 81 é que o eu enuncia “eles falavam bem português não tive muita dificuldade em ensiná-los.” Com esta afirmação reforça o caráter da terceira pessoa centrado no eles [alunos] índios falavam bem português. Outra estratégia encontrada no enunciado do testemunho em primeira pessoa do singular está na questão

relacionada ao trabalho do professor em ensinar na língua portuguesa: “[...] não tive muita dificuldade em ensiná-los.

Para o próximo enunciado, recortamos a seguinte T1.2E – 81 anos:

Entre os 18 alunos tinha cinco alunos que falavam bem a língua terena, eles tinham um pouco de dificuldade no aprendizado da língua portuguesa, eu tinha que explicar bem pra eles, pra entender bem, e ai depois passado de um ano, já foi ficando fácil.(grifos nossos)

Em sala de aula, na relação com os alunos indígenas, o eu professor índio dá testemunho da dificuldade em ensinar os sujeitos que dominavam a língua terena. Com isso, ocupa o lugar da testemunha que fala do que viveu a 3ª p.s. “[...] eu tinha que explicar bem pra eles entender bem”. Compreendemos que o eu dá testemunho que aqueles sujeitos que dominavam a língua terena e estava na escola para adquirir a escolarização e a língua portuguesa. O fato da 3ª p.s. o ele dominar a língua terena, o eu tinha um trabalho maior: “[...] eu tinha que explicar bem pra eles, pra entender bem [...]”, só depois de um tempo em sala de aula “[...] e ai depois passado de um ano, já foi ficando mais fácil”. Ensinar aqueles que dominam a língua materna exige uma dedicação maior.

Em T1. 3E – 81 anos, encontramos outro lugar ocupado pelo *eu*, leiamos:

Sou índio terena nascido na aldeia Agua Branca, me formei como professor aqui mesmo em Nioaque. Comecei meus estudos em Dourados, o ano primário, depois fui fazer agropecuária em Bauru SP, de lá vim pra Aquidauana de Aquidauana vim pra cá propriamente pra dar aula aqui na aldeia, que não tinha professor aqui. (grifos nossos)

O eu dá testemunho do ser índio que deixa a aldeia e passa a viver na sociedade não indígena: “Sou índio terena nascido na Aldeia Água Branca, me formei como professor aqui mesmo em Nioaque. Comecei meus estudos em Dourados, o ano primário, depois [...]”. Para o enunciado, a estratégia é ocupar o lugar de professor na aldeia e ensinar a língua portuguesa.

No enunciado T1. 4E – 81 anos, o eu posiciona a partir da vivência em família e as experiências de uso da língua terena e da aquisição da língua portuguesa:

Não tive dificuldade no aprendizado da língua portuguesa. A minha mãe só falava na língua terena, só não ensinou a nós, com nós ela falava em português. Depois que voltei pra aldeia aprendi com os mais velhos, hoje ainda entendo alguma coisa, pouca coisa mais entendo, só não falo. (P.V) (grifos nossos) (Sujeito 3, 81 anos, Terena, Aldeia Água Branca – Nioaque)

Aqui a testemunha fala sobre a sua relação com a língua portuguesa “[...] não tive dificuldade no aprendizado da língua portuguesa”, mesmo convivendo com a realidade da língua materna. No enunciado, tem-se o posicionamento em afirma a aquisição da língua portuguesa e a não dificuldade em aprender. Do outro lado, o testemunho da 3ª p.s. ela, minha

mãe: “[...] a minha mãe só falava na língua terena, só não ensinou a nois, com nois ela falava em português”. Há neste posicionamento a estratégia de que a mãe dominava a língua materna, no entanto, na relação com o filho, na família, ensinava a língua portuguesa enquanto estratégia de sobrevivência e por compreender a língua de poder na sociedade não indígena. Desse modo, aprender e falar bem a língua portuguesa foi uma das estratégias de sobrevivência para a sociedade Terena de Nioaque.

Para a questão do segundo objetivo específico o uso da língua materna para os sujeitos mais novos está relacionado à revitalização cultural e linguístico do ser índio apresentamos o T – testemunho 2, coletado a partir do professor indígena com idade de 25 anos. Recortamos em enunciados:

*T 2. 1 – 25 anos*

*Eu tenho muito orgulho de falar a língua e ta passando pros meus alunos, eu faço possível de que eles aprendam, e tem aluno que ta aprendendo, e que sabem devido à ajuda de pais porque antes os pais até riam dos seus filhos de ta falando terena,*

No enunciado acima, o eu, professor terena, dá testemunho, em primeira pessoa do singular e enaltece o orgulho de ser índio e de falar a língua terena. Com isso, o sujeito assume o lugar para ensiná-la aos seus alunos na escola: “[...] eu tenho muito orgulho de falar a língua e tá passando pros meus alunos”. Além disso, na relação professor, índio, falante da língua materna e alunos indígenas, falantes da língua portuguesa, na sala de aula há a afirmação da língua de cultura: “[...] faço possível de que eles aprendam, e tem aluno que ta aprendendo, e que sabem devido à ajuda de pais porque antes os pais até riam dos seus filhos de ta falando terena.”

O eu afirma, no enunciado T 2.1, a respeito da necessidade da afirmação da língua terena em sala de aula, processo de escolarização, este é assumido pelo ele, terceira pessoa do singular: “[...] tem aluno que ta aprendendo [...]”. Não só o ele – aluno, mas pela família: “[...] e que sabem devido à ajuda de pais porque antes os pais até riam dos seus filhos de ta falando terena,”.

Para Benveniste (1995), a terceira pessoa é totalmente distinta da relação “eu/tu” (pessoa), tanto por causa da natureza, quanto por causa do uso. Segundo o linguista: “É uma função de “representação” sintática que se estende assim a termos tomados às diferentes “partes do discurso”, e que corresponde a uma necessidade de economia...”(1995.pg.282).

A “terceira-pessoa” é uma” não pessoa”, reúne algumas funções: combinar com qualquer referência; não ser jamais reflexiva da instância do discurso; comportar um número grande de variantes; não se compatível com o paradigma dos tempos referenciais: aqui, agora.

No enunciado, a terceira pessoa, ora é o aluno na sala de aula, ora é a família, ora é a língua materna, ora a língua portuguesa.

A terceira pessoa assume o lugar de sistema e de cultura também, tem-se assim, a valorização da língua materna pela família auxilia no processo de resgate de língua na escolarização. Há aqui uma mudança de atitude cultural em relação à língua materna. De acordo com Benveniste (1995), no capítulo 21, *Na Subjetividade da linguagem*, no PLG I:

[...] eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. (BENVENISTE, 1995, p. 288)

Para apresentar ainda mais sobre a questão da subjetividade nos enunciados recortado do T 2, recorreremos à síntese de Flores (2013, p. 99-100). Para o estudioso, no Brasil, o leitor de Benveniste encontra no Capítulo 21, do PLG I, algumas definições de subjetividade:

- A) “é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”;
- B) “é a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem” – ego que diz ego. Aqui, há dois entendimentos: o primeiro está no status linguístico e o outro no ato da enunciação;
- C) “eu” – marca linguística de passagem de locutor a sujeito no discurso – a subjetividade só aparece no ato da enunciação.

Por seguirmos nessa linha, encontramos na análise dos enunciados, a relação do eu com o tu. Esta relação dá-se no discurso, no caso, do professor ocorre com os alunos. Além disso, vem marcada pela família. Por isso, tem-se na enunciação questões de uso de língua. Ela vem marcada pela subjetividade de se constituir índio pela língua em sociedade seja ela índia ou não-índia.

Benveniste (1995) reafirma a respeito do fundamento da subjetividade: “É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. (id.ib., p. 288), não há outro espaço. Leiamos o seguinte T 2.2 :

hoje não, hoje tem pai que incentiva o filho e a gente vê muitos pais agradecendo a gente porque o filho esta começando a falar a língua terena ,e essa é uma forma que eu acho positivo em mim de ta dando aula da língua terena, porque esses alunos estão voltando a falar a língua terena outros estão aperfeiçoando porque alguns falam e entendem ,alguns entendem mais e não falam tanto.

No enunciado, o testemunho do sujeito em primeira pessoa do singular ressalta novamente que uma das estratégias de revitalização da língua terena está na família, visto que os pais voltam-se à conscientização de que se faz necessário a revitalização da língua terena. São iniciativas positivas.

No enunciado T 2.3:

Devido a essas aulas a gente faz o possível de eles falam, que não tenham vergonha, porquê é uma tradição nossa, é a cultura do índio e isso é uma forma de que realmente nos somos índio conforme a nossa língua, a língua terena. (sujeito 01 – 25 anos, Terena – Aldeia Taboquinha)

Em sala de aula, o sujeito dá testemunho de que se faz necessário a conscientização da importância da língua terena tanto no processo de escolarização com a inclusão da língua materna no currículo do ensino fundamental e médio, quanto no incentivo familiar.

A noção de cultura é muito dinâmica, ela altera com o tempo, no caso, do uso da língua terena, na Aldeia, tem-se o movimento de revitalização da língua materna, depende de políticas lingüísticas de reconhecimento e inclusão no currículo, quanto de mobilização da família a respeito da necessidade em falar em língua terena na família e demais espaços sociais.

A compreensão de constituição do eu – índio dá-se, não só pelo domínio da língua materna, mas por incentivos de constituição do eu. O movimento em prol da identidade é lento, traz do passado com os bisavôs, algo que necessita vir à tona: “[...] porquê é uma tradição nossa, é a cultura do índio e isso é uma forma de que realmente nos somos índio conforme a nossa língua, a língua terena”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devo relatar que todas as fases de produção de TCC foram importantes e difíceis para mim. Destaco com ênfase, a fase da coleta que particularmente para mim, índia Terena, foi enriquecedora, porque consegui realizar as atividades propostas sem dificuldades, acredito que houve uma conscientização por onde passei sobre o objetivo e relevância de tudo aquilo que tive como anseio e, que pelo que senti, fui clara e com muita firmeza e relato também a grande gentileza recebida pelos entrevistados.

A importância dos testemunhos enquanto experiências de usos da língua portuguesa e da língua terena revelam para parte das nossas inquietações iniciais, quando do início da pesquisa: Quais são os testemunhos de uso e não uso da língua Terena para a comunidade indígena das aldeias de Nioaque? A pergunta inicial é respondida por nós, neste momento, há testemunhos que se constituem no discurso. Os estudos enunciativos auxiliam-nos a compreender o lugar da primeira pessoa “eu”, no discurso.

Com isso, foi possível encontrar distintas situações de vivências de usos da língua terena e da língua portuguesa na comunidade Terena de Nioaque. Há outras inúmeras vivências de uso das línguas pelos sujeitos, ainda, a serem discutidas e analisadas.

A nossa pesquisa é inicial, não dá conta da imensidão e das inúmeras estratégias linguísticas, no entanto, evidenciamos para este momento duas situações distintas de uso na comunidade:

a escolha de uma língua, ou de outra nunca foi pacífica na comunidade indígena em Nioaque. É determinada pelo papel da família e da escola. No passado, como questão de sobrevivência, fez-se a pelo uso da língua portuguesa, e no, presente, pela revitalização cultural da língua terena, ao lado da língua portuguesa.

T1. 1 E - 81 anos

Fui um dos primeiros professores da aldeia, no começo, iniciei mais ou menos com 18 alunos, eles falavam bem português não tive muita dificuldade em ensiná-los.

T 2. 1 – 25 anos

Eu tenho muito orgulho de falar a língua e ta passando pros meus alunos, eu faço possível de que eles aprendam, e tem aluno que ta aprendendo, e que sabem devido à ajuda de pais porque antes os pais até riam dos seus filhos de ta falando terena,

A categoria de pessoa, primeira pessoa do singular, no discurso, “eu” tem a capacidade de se propor enquanto sujeito no discurso.

T 2. 1 – 25 anos

**Eu** tenho muito orgulho de falar a língua e ta passando pros meus alunos, **eu** faço possível de que eles aprendam, e tem aluno que ta aprendendo, e que

sabem devido à ajuda de pais porque antes os pais até riam dos seus filhos de ta falando terena,

T 1 – 81 anos

**Sou** índio terena nascido na aldeia Agua Branca, **me formei** como professor aqui mesmo em Nioaque. **Comecei meus** estudos em Dourados, o ano primário, depois fui fazer agropecuária em Bauru SP, de lá vim pra Aquidauana de Aquidauana vim pra cá propriamente pra dar aula aqui na aldeia, que não tinha professor aqui. (grifos nossos)

É importante destacar que a comunidade tem demonstrado um grande interesse em revitalizar a língua terena, visto que hoje as escolas: Escola Municipal Indígena 31 de Março e Escola Estadual Indígena de Ensino Médio Angelina Vicente, oferecem o ensino da Língua Terena ,da Educação Infantil e Ensino Fundamental e a de Ensino Médio ,do primeiro ao terceiro ano médio e EJA,com professores formados e falantes da língua terena, contribuindo assim com o processo de revitalização da Língua Terena. Acreditamos que a escolarização da língua terena para a comunidade indígena de Nioaque deverá vir com o incentivo do uso em família, visto que é este o caminho para a revitalização. Não há como manter viva a língua na sociedade se ela não for herdada como bem precioso que precisa ser mantido de geração a geração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio, 1942. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III) Giorgio Agamben; tradução Selvano Assmann.**-São Paulo:Boitempo,2008(Estado de Sítio)

AZEVEDO, Adélia Maria. **“A experiência na e pela língua (gem) em testemunhos dos povos ameríndios: a instauração de lugares enunciativos.** Tese (Doutorado em Letras) UFRGS – 2014.

BENVENISTE, Émile, - **Problemas de lingüística geral I** : tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4' ed. — Campinas, SP : Pontes, 1995. Editora da Universidade. Estadual de Campinas, (Linguagem crítica)

CABRAL, Paulo Eduardo. **Educação Escolar indígena em Mato Grosso do Sul: Algumas Reflexões.** 1ª Edição. Mato Grosso do Sul. Secretaria de Estado de Educação. FNDE/MEC/SED/MS.2002.

OLIVEIRA de, Roberto Cardoso. **Do Índio ao Bugre: Processo de assimilação dos Terenas.** 2ª Edição Revista. Francisco Alves Editora. Mato Grosso. 1975.

SILVA, Carlos Manoel- **Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal – UFMS Campus de Aquidauana / Título: Língua Terena na Aldeia Indígena Brejão, Nioaque MS).**2003